

Editorial

Esta Stylus traz o mesmo tema do VIII Encontro da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil, ocorrido no meio deste mês de novembro, em Aracaju. Escutando o infantil de seus pacientes, Freud descobriu o inconsciente, e percebeu que eles só falavam de suas famílias.

Freud acreditava ser a civilização o resultado de uma oposição necessária entre as gerações; assim, em “Romances Familiares”, artigo escrito em 1908, definiu o neurótico como aquele que não conseguiu libertar-se da autoridade dos pais. Trinta anos depois, Lacan, em “Os complexos familiares”, reconhece a família como transmissora da neurose. Não só isso, ela transmite os significantes que tecem o destino de um sujeito. A psicanálise mostra o laço entre o inconsciente, as histórias familiares e o sintoma. A importância dessa relação justificou o encontro de Aracaju, e acreditamos ter motivado, também, a quantidade de artigos recebidos e aprovados sobre a temática. Por isso esse número e o próximo tratarão da família e do inconsciente.

Inicia-se este número com a conferência de abertura do referido encontro, proferida pela psicanalista espanhola Carmem Gallano. Ela abre seu discurso sustentando que não há homologia entre família e parentesco, e que o laço entre família e inconsciente faz-se pela transmissão do mal-entendido do verbo. Também o afirma Bernard Nominé: a família a que nos referimos na psicanálise não é uma realidade social, e sim psíquica. Em “O sintoma e a estrutura familiar” o autor discorre sobre uma suposta ‘queda da imago paterna’ e seus efeitos na família e na cultura.

As tramas familiares são mostradas em duas obras da literatura. A partir da decifração de uma escritura que perpassa várias gerações dos Buendia, Fabiano Chagas Rabelo mostra a teorização freudiana da transmissão da neurose nas relações familiares, no romance “Cem anos de solidão”. Elza Ferreira Santos, em “Lavoura Arcaica: uma família, um complexo de amor e cinzas”, mostra como na novela escrita por Raduan Nassar, o amor incestuoso entre André e Ana reflete a família e nela se reflete.

Ana Laura Prates Pacheco começa seu artigo analisando o episódio em que jovens de classe média alta do Rio de Janeiro

espancaram uma empregada doméstica em um ponto de ônibus, pensando tratar-se de uma prostituta. A partir desse fato e da apresentação do livro “Criancinhas”, que deu origem ao premiado filme “Pecados Íntimos”, teoriza sobre a infantilidade e se pergunta o que a psicanálise pode diante dela.

Em seu trabalho, o psicanalista espanhol Manuel Baldiz versa sobre a formação do analista. Com humor e ironia, estabelece a classe dos AA, AN, NA e NN. Sua discussão sobre o final de análise reflete os estudos que o Campo Lacaniano tem feito nesses seus quase dez anos de existência.

Aliás, esse marco norteia, ainda, a entrevista que Ana Laura Prates e Silvia Franco fizeram com Luis Izcovich, em agosto passado, quando estava em São Paulo como convidado para um ciclo de conferências.

Três autoras mostram, na clínica, os sujeitos às voltas com a dimensão trágica da tessitura familiar. Alba Abreu Lima relaciona a tragédia com a escolha dos sujeitos neuróticos e contrapõe a essa escolha o fatalismo da certeza em um sujeito psicótico. Maria Vitória Bittencourt em “A criança: marca de que interesse?” pergunta como o analista pode intervir diante do par mãe-criança, quando se apresentam de forma tão colada na clínica. A partir da experiência clínica formula sua questão e com ela, busca a resposta, mostrando três exemplos de crianças em análise. Consuelo Pereira de Almeida, a partir do que vou chamar O Caso Laura, mostra muito como toda criança tem de encontrar um lugar, ainda que sintomático, na estrutura familiar. Nesse sentido podemos dizer que toda criança é “adotada”. Isso lhe permite existir em uma família e ter um desejo que não seja anônimo.

A seção de resenhas mostra a produção teórica de dois autores baianos. O jornalista Hélio Tavares da Silva Martins apresenta o livro de Jairo Gerbase “Comédias familiares: Rei Édipo, Príncipe Hamlet, Irmãos Karamázovi”. E Andréa Rodrigues resenha o livro “Modalidades de gozo”, organizado por José Antônio Pereira.

Se Freud e Lacan sustentam que os pacientes só falam de suas famílias, Stylus, por dois números, vai seguir essa lógica. Convidamos os leitores a continuarem nos estudos sobre a família e o inconsciente, aguardando o próximo número de nossa revista.

ANDRÉA BRUNETTO